

APRESENTAÇÃO

ROMPER O MIMETISMO DO NORTE: Decrescimento, bem viver, eurocentrismo e a epistemologia do SUL

O presente número da revista REALIS traz, como tema central, a questão do Mimetismo do Norte, abordado não de forma direta, mas sob formas particulares e indiretas. O mimetismo na natureza é vantajoso para o ente que o pratica, mas o mesmo não ocorre necessariamente na cultura humana, associado a um sentimento de autosubestimação. De maneiras distintas, praticamente todo o material publicado aborda o aprisionamento que o Sul tem dos modelos do Norte.

O primeiro deles é o aprisionamento ao mito do desenvolvimento econômico capitalista, implantado desde os primórdios da colonização, quando o continente americano se tornou um produtor de mercadorias. O segundo é o mimetismo cultural, em que as expressões do Norte não apenas são consideradas melhores como devem ser imitadas: na comida, na moda, na escrita, nas teorias, nos costumes. O que deu nascimento ao “sentimento de vira-lata” observado por Nelson Rodrigues, como expressão da desvalorização do que é nacional. É contra esta hegemonia que se levantaram os grandes expoentes do pensamento brasileiro desde inícios do século XX, como Lima Barreto, Gilberto Freyre, Celso Furtado, Darcy Ribeiro e Oswald de Andrade, entre outros.

Há muitas formas de resistência e, em geral, elas tomam em consideração e usam conceitos e imagens provindos do próprio Norte. Mesmo porque, Norte e Sul não são conceitos físicos geográficos, colocando de um lado os países do hemisfério Norte e do outro os do hemisfério Sul. Osvaldo Sunkel, por exemplo, desenhava em seus escritos os países do Ocidente como sendo, simultaneamente, Norte e Sul, com parcelas diferenciadas da população. O Norte vive no Sul, como este está presente naquele. O que os distingue é

a ideologia dominante: do crescimento e da hierarquia (dominação/subordinação).

O decrescimento, por exemplo, é usado como uma proposta que vem do Norte contra o Norte, ou seja, inspirado pelas resistências que o Sul tem interposto ao modelo mercantilista e utilitarista que se quer atribuir às relações sociais, denunciado entre outros por Alain Caillé. Resistências teóricas, mas, sobretudo práticas, presentes tanto na resistência das comunidades nativas do Sul, quanto no interior das modernas urbes, por meio de práticas sociais não utilitaristas que persistem e se reproduzem constantemente, mesmo no âmbito de economia, como já alertava Karl Polanyi, em outro contexto.

As abordagens sobre o decrescimento aqui seguem as tendências mundiais de ressaltar não apenas a crítica da ideologia do crescimento, como dominou este movimento intelectual nos seus primórdios, no início deste século, mas as suas propostas práticas, que tem prevalecido nos tempos recentes. Ou seja, hoje, a preocupação com o decrescimento é como realizá-lo sem prejudicar os mais pobres e em obediência a cada um dos ecossistemas culturais. Esse mesmo enfoque se usa na abordagem ao discurso do Sul contra o mito do desenvolvimento, aquele que nasce entre os nativos nos Andes, e que pode ser interpretado como *sumak kawsay* (kichwa) ou *suma qamaña* (aymara), que quer dizer - construir coletivamente uma outra forma de viver, em harmonia com a natureza. E que se dissemina sob o nome de *Bem Viver*, conforme Alberto Acosta. Ênfase nas propostas, e como implementá-las, é o que se faz nos escritos recentes. No fim, essa preocupação tenta responder a inquietude social de tornar as utopias factíveis. Utopias não totalitárias, como as que marcaram o século XX. Nem para um tempo indeterminado, como no século XIX.

Uma diferença de enfoque entre o Norte e o Sul está presente quando se enfrenta o problema do crescimento populacional. Ao crescimento da população no Sul, que tende a modificar o domínio étnico europeu, o Norte levanta o discurso da defesa do meio ambiente, sem se atentar para o fato dos diferenciados impactos ambientais que a população pobre comete e a população rica; umas de efeito local, e, portanto reparáveis, e outras, global, de difícil senão impossível reparação.

O aprisionamento do Sul pelo Norte não se faz apenas do ponto de vista econômico e político, mas também, e sobretudo, cultural, no universo da percepção e do imaginário. E que se reflete nas análises do processo colonial, e seu papel na formação dos estados modernos ocidentais, mas também em aspectos particulares como as práticas

universitárias. Um exemplo é o da forma como se fazem as classificações (rankings) de periódicos nacionais, submetidos a regulamentações e interesses estrangeiros, e estranhos ao nacional.

O número está dividido em cinco partes. A primeira reúne artigos entre defensores de dois modelos de desenvolvimento alternativo ao hegemônico: o Desenvolvimento Sustentável e o Decrescimento. A segunda reúne um total de sete artigos que foram de maneira diferenciada as relações entre propostas e ideias provindas do Norte e do Sul, e seu relacionamento. A terceira parte reúne dois manifestos contra o modelo de desenvolvimento econômico vigente, cujas feridas foram mais expostas com a pandemia. Na quarta parte entrevista-se dois autores, um grego, sobre o decrescimento, e outro, equatoriano sobre o Bem Viver. O número se encerra com quatro resenhas sobre os temas do decrescimento (Georges Kallis), de alternativas ao crescimento a qualquer custo (Kate Raworth), do relativismo cultura (François Jullien) e dos riscos e desafios do mundo contemporâneo (Elimar Pinheiro do Nascimento)

DEBATE

A primeira parte da revista traz um debate composto por um pequeno conjunto de artigos em torno das opções ao modelo de desenvolvimento vigente. Um debate clássico, já expresso em várias partes do mundo e em vários momentos neste século XXI. De um lado, o economista Sérgio Buarque, defende a ideia de que o desenvolvimento sustentável (DS) é a única opção viável, na medida em que ela inclui não apenas o crescimento econômico, indispensável para vencer a pobreza e a fome, mas também mantém e amplia a preocupação com a conservação do meio ambiente. De outro lado, o cientista socioambiental, Elimar Pinheiro do Nascimento, parte da crítica disseminada em vários espaços sociais de que o DS é um oxímoro, na medida em que este é finito e o crescimento contínuo é impossível. Afinal, como afirma Herman Daly, todo o crescimento econômico, necessariamente, destrói o meio ambiente, por mais precauções que se adotem. Cristovam Buarque, também economista, chama atenção para o fato de que o debate no campo puramente econômico o torna empobrecido, pois é preciso recorrer à filosofia e à ética para permitir um verdadeiro avanço. O debate, evidentemente, não se encerrou com a vitória de A ou B, mas com o ganho de todos pela ocasião de terem mais informações sobre a natureza destas propostas de saída do atual modelo econômico vigente, marcado

por sua profunda irracionalidade. Um debate que merece ser continuado e superado.

ARTIGOS

A segunda parte do presente número da revista traz um conjunto de sete artigos, que abordam de formas diversas o tema do pós-desenvolvimento e decrescimento, inserindo por vez no quadro da Decolonialidade e do eurocentrismo.

O primeiro artigo (*Cenários de pós-desenvolvimento: como se adaptar às crises decorrentes da covid-19?*) de Helia Christina F. Papin-Lea, Mariana Lyrio e Solange Alfinito parte do contexto da pandemia covid 19 para se perguntar sobre as alternativas pós-desenvolvimento. Examina cenários de três alternativas: capitalismo, desenvolvimento sustentável e decrescimento. Conclui que, face aos imperativos ecológicos e à deficiência do sistema atual para suprir necessidades básicas coletivas, o modelo de decrescimento parece ser, comparativamente, melhor alternativa de pós-desenvolvimento resiliente às crises social, sanitária, econômica e ecológica.

O segundo artigo (*O Bem Viver: um discurso alternativo do Sul à crise ecológica*), do cientista político Pedro Simões, examina as vantagens e limites da proposta do Sul (Bem Viver) em contrapartida à proposta do Norte (Decrescimento), utilizando, sobretudo, os trabalhos de Alberto Acosta, economista equatoriano e ex-presidente da Assembleia Nacional Constituinte do Equador (2207/2008). Depois de descrever a natureza das propostas do Bem Viver, sinaliza, dentre os limites mais visíveis, a economia internacional e a diplomacia. Como angariar o apoio de países diversos para medidas necessárias para frear o crescimento contínuo?

Tomás Tarquino, antropólogo e consultor internacional, no artigo - *O crescimento da população mundial não é a principal ameaça ao planeta* - examina em que medida o crescimento populacional constitui um fator central da degradação ecológica, tese frequente entre os países ricos. No entanto, metade da população não está inserida na sociedade termo industrial, e as degradações que provocam, normalmente, são locais, e portanto, reparáveis. Ao contrário dos 10% mais ricos, cuja degradação é de natureza global e, normalmente, irreversível Gurminder Bhambra e John Holmwood, no artigo - *Colonialismo, pós-colonialismo e o estado de bem-estar liberal* - examinam as origens

coloniais e raciais do estado de bem-estar social, com uma ênfase particular no estado de bem-estar liberal do Reino Unido e dos Estados Unidos. Os autores argumentam, de forma sofisticada, que a venda de força de trabalho como uma mercadoria representa um movimento contrário à forma mercantilizada de trabalho representada pela escravidão. Assim, o colonialismo europeu é constitutivo ao desenvolvimento dos estados de bem-estar e suas formas de inclusão e exclusão permanecem racializadas até o século XXI.

Adotando a interdisciplinaridade como método Felipe Montiel da Silva, OHLWEILER, Leonel Pires Ohlweiler e Júlia Dutra de Carvalho investigam como o eurocentrismo estimula que a crítica decolonial aos conflitos sócio-raciais fique prisioneira do plano simbólico, no artigo *Eurocentrismo e redução da crítica ao plano simbólico*. Os genocídios perpetrados ao longo da colonial-modernidade permitiram que as suas simbolizações sobre a realidade não fossem consideradas específicas, mas universais. Para superar este dilema é preciso que a teoria decolonial deslegitime o padrão de força que garante a reprodução do eurocentrismo.

No sexto artigo (*Epistemologias do Sul como aporte científico da justiça restaurativa brasileira à luz dos direitos humanos*), os autores, Daniele Cristina Bahniuk Mendes e Nei Alberto Salles Filho, examinam a Justiça Restaurativa, com base na epistemologia do Sul e propõem que devam ser resgatadas outras formas de solução de conflito, que não apenas o monopólio de aplicação do Direito pelo Estado, devolvendo às partes a gestão do conflito. Para os autores a Justiça Restaurativa está apta a atuar de forma complementar ao atual modelo de justiça, desde que lastreada nos Direitos Humanos, no que toca à dignidade da pessoa humana.

O último artigo, de Paulo Martin Souto Maior e Laura Gonçalves Melo de Araújo (Colonial, cartorial e servil: as métricas de avaliação das revistas científicas no Brasil) aborda uma temática apenas aparentemente distinta das demais. Apresenta uma crítica às métricas de avaliação das revistas científicas no Brasil, em especial a respeito dos indexadores e certificações como uma tendência classificatória que reproduz um comportamento colonial, cartorial e servil. A discussão paira sobre a capacidade e eficiência dessas métricas em qualificar o mérito científico das publicações.

MANIFESTOS

A terceira parte é composta de dois manifestos públicos.

O primeiro é do movimento mundial *Degrowth*, que correu o mundo colhendo assinatura de apoio a um manifesto que conchama a novos rumos para a economia após a pandemia da covid 19. Cinco pontos pontuam esta chamada à mudança: a) colocar a vida no centro do sistema econômico; b) reavaliar radicalmente o papel do trabalho como necessário para se ter uma vida boa; c) organizar a sociedade em torno dos serviços essenciais; d) democratizar a sociedade e, finalmente, e) tornar o princípio da solidariedade como a base dos sistemas políticos e econômicos.

O segundo resultou de 170 acadêmicos holandeses que escreveram um manifesto em cinco pontos sugerindo mudanças econômicas a serem adotadas após a crise do covid-19, baseado nos princípios do decrescimento. O manifesto foi publicado por diversos meios e comunicação entre os quais El Clarin, no Chile em 27 de abril de 2020 (por nós traduzidos). Os cinco princípios são: a) diferenciar os setores que merecem investimentos para crescer e outros que devem decrescer; b) construir uma economia baseada na redistribuição das riquezas; c) adotar uma agricultura que não destrói a natureza; d) reduzir o consumo e as viagens; e) cancelar a dívida dos países e dos produtores.

ENTREVISTAS

A quarta parte traz duas entrevistas com expoentes dos movimentos pós-desenvolvimentistas.

A primeira com Alberto Acosta, economista, professor universitário, ex-deputado e ex-ministro, um dos líderes da revolução cidadã do Equador e autor de vários livros sobre o pós- desenvolvimento. A entrevista foi realizada pelos sociólogos Patrícia de la Torre, do Equador, e Jaime Rojas, do Peru, atualmente presidente da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS).

A segunda, entrevista com Giorgos Kallis, um dos principais pensadores do Decrescimento da atualidade e autor do livro *In Defense of Degrowth*, realizada pelo mestre em desenvolvimento sustentável, Márcio Lino de Almeida.

RESENHAS

A quinta e última parte é composta por quatro resenhas.

A primeira é de Alain Caillé, na qual o filósofo do convivialismo, discute a questão filosófica e antropológica, clássica e sempre renovada, entre o universalismo e o relativismo, a partir do livro de François Jullien. *Il n'y a pas d'identité culturelle, mais nous défendons les ressources d'une culture* (Paris: L'Herne, 2016).

A resenha sobre o livro de George Kallis, *In defense of Degrowth: opinions and manifestos* (Uneven Earth Press, 2017), foi elaborada pelo biólogo Marcio Lino de Almeida. Um livro absolutamente indispensável para quem queira conhecer melhor o decrescimento, reúne artigos, divididos em sete partes, deste ecologista grego, professor da Universidade Autônoma de Barcelona.

A segunda resenha é a respeito do livro de Kate Raworth - *Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo* (Rio de Janeiro: Zahar, 2019). O livro da economista inglesa, professora de Oxford e Cambridge, de repercussão internacional, tornou-a uma das economistas mais reconhecidas do mundo. Nele, a autora defende a ideia de uma dupla linha de proteção da dignidade humana e dos recursos naturais. Uma linha inferior que defina o recurso mínimo que cada cidadão deve ter, para assegurar uma vida minimamente digna, e uma linha superior que defina o máximo de consumo de cada cidadão, para que não impeça que outros tenham acesso ao que necessitam. Com isso pretende-se resgatar de um lado a sustentabilidade econômica do ponto de vista ambiental e o mínimo de dignidade a todas as pessoas do mundo.

Finalmente esta parte se encerra com a resenha de Elizabeth Dalana Pazello sobre o livro de Elimar Pinheiro do Nascimento – *Um mundo de riscos e desafios: conquistar a sustentabilidade, reinventar a democracia e eliminar a nova exclusão social* (Brasília: Fundação Astrojildo Ribeiro, 2020). O livro do cientista socioambiental, professor na UnB e na UFAM, está dividido em três partes que correspondem ao seu subtítulo. Reúne artigos do autor publicados nos últimos 25 anos, com um artigo inédito sobre o decrescimento.

Elimar Pinheiro do Nascimento e Éder Lira de Souza Leão

Brasília (UnB) e Recife (UFRPE), Junho de 2021.